



HERÓI OU “HERÓI”

GEN DIV CLOVIS PURPER BANDEIRA

Em 05 Nov 09, o jornal O Estado de São Paulo noticiou:

Ato pleiteia nome de Marighella para praça

Antigos militantes da Aliança Libertadora Nacional (ALN) lançaram ontem a campanha para dar o nome do guerrilheiro Carlos Marighella à Praça Marechal Floriano, no Rio, conhecida como Cinelândia. "Esta praça é simbólica, foi palco das principais campanhas políticas desde a do Petróleo é Nosso", lembrou o ex-comandante da ALN Carlos Eugênio Sarmento da Paz, ao justificar o movimento para homenagear Marighella, cujo assassinato completou ontem 40 anos. No ato, fo-ram coladas nas placas da praça o nome de Marighella.

O fato passou quase despercebido e não teve grande repercussão na imprensa carioca.

Trata-se, no entanto, de mais um passo no movimento de revisionismo histórico apoiado pelo governo Lula, como comprovam os livros didáticos distribuídos pelo MEC, que doutrinam nossos jovens, e as declarações do próprio presidente (atenção, revisão: com letra minúscula), que declarou publicamente que o Brasil é um país sem heróis.

Gostaria, além de comparar o herói com o “herói”, de comentar os trechos da pequena nota jornalística que sublinhei.

Começamos pela Aliança Libertadora Nacional (ALN), cuja autodenominação pode levar os desavisados ou os que não eram nascidos na época de sua funesta atuação terrorista, a acreditar que ela era libertadora e nacional. Isso lembra a República Popular Democrática da Coreia do Norte, que, na verdade, não é república, nem popular, nem democrática. Na verdade, a ALN era uma organização terrorista adepta da luta armada para a conquista do poder, que pugnava pela instauração de uma ditadura comunista no Brasil, nos moldes cubanos. Entre suas diversas ações terroristas incluem-se assaltos a bancos, joalherias, supermercados, quartéis e viaturas policiais e militares, empresas de transporte coletivo, atentados com bombas a empresas, ao Palácio Episcopal de São Paulo, sequestro dos embaixadores dos Estados Unidos da América e da Suíça, assassinato do industrial Boilesen e “justiçamento” do ex-terrorista Márcio Toledo. Nessas ações, foram mortos policiais, militares, bancários, guardas de segurança e transeuntes inocentes, que tiveram o azar de passar pelo local onde ocorria um ato terrorista. Os tentáculos da ALN estenderam-se por São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Fortaleza e Brasília.

No que diz respeito a Carlos Eugênio Coelho Sarmiento da Paz (codinome *Clemente*), o mesmo começou a atuar na “Ala Marighella”, embrião da ALN. Nessa última organização, exerceu o comando dos Grupos Táticos Armados (GTA) do Comando Regional de São Paulo (CR/SP) da ALN, participou do CR/RJ e da Coordenação Nacional Provisória. Além do planejamento das ações terroristas assassinas, participou diretamente do assassinato do empresário Henning Albert Boilesen e da execução do ex-companheiro de guerrilha Márcio Toledo, do qual foi o acusador, juiz e carrasco, o homem que puxou o gatilho. Com a aproximação do final de sua organização criminosa, refugiou-se no Chile, em Cuba e na França, de onde retornou com a anistia. Essa figura sinistra, anistiada e indenizada regamente (com isenção do imposto de renda), é quem organiza o movimento em homenagem ao assassino Marighella, o “**herói**”.

A Praça Marechal Floriano, a popular Cinelândia é, de fato, local histórico onde ocorreram importantes fatos políticos, pois nela estavam localizados o Senado Federal (no Palácio Monroe, infelizmente demolido), o Supremo Tribunal Federal e a Câmara de Vereadores do Distrito Federal. Também nela está localizada a sede central do Clube Militar, partícipe decisivo de grandes campanhas nacionais, inclusive a do “Petróleo é Nosso”.

Analisemos, a seguir, a figura do Marechal Floriano Peixoto, o **herói** homenageado pela denominação de tão importante logradouro público. Herói da Guerra da Tríplice Aliança, Presidente da Província do Mato Grosso, primeiro Vice-Presidente da República e segundo Presidente, tendo assumido com a renúncia de Deodoro. Em seu curto governo, de pouco menos de três anos, enfrentou com energia e venceu movimentos político-militares como a Revolta da Armada e Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, ficando conhecido como o Marechal de Ferro e o Consolidador da República. Durante seu mandato, reabriu o Congresso e decretou o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade e dos aluguéis. Passou a Presidência da República a seu sucessor eleito, Prudente de Moraes, em 1894.

E quem é o “**herói**” que, pretendem os guerrilheiros e terroristas, deve substituí-lo como homenageado com o nome da praça? Carlos Marighella, baiano, filiado ao Partido Comunista desde os dezoito anos, adepto da linha cubana da tomada do poder pela força, dirigiu a antiga ALN desde quando a mesma se denominava Agrupamento Comunista de São Paulo. Sua principal obra, conhecida internacionalmente, é o Manual do Guerrilheiro Urbano, no qual constam lições como:

A acusação de “violência” ou “terrorismo” sem demora tem um significado negativo. Ele tem adquirido uma nova roupagem, uma nova cor. Ele não divide, ele não desacredita, pelo contrário, ele representa o centro da atração. Hoje, ser “violento” ou um “terrorista” é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura militar e suas atrocidades.

...
O trabalho principal do guerrilheiro urbano é de distrair, cansar e desmoralizar os militares, a ditadura militar e as forças repressivas, como também atacar e destruir as riquezas dos norte-americanos, os gerentes estrangeiros, e a alta classe brasileira. (...)é inevitável e esperado necessariamente, o conflito armado do guerrilheiro urbano contra os objetivos essenciais: a. exterminação física dos chefes e assistentes das forças armadas e da polícia.

...
O número de ações violentas realizadas pelos guerrilheiros urbanos, incluindo mortes, explosões, capturas de armas, munições, e explosivos, assaltos a bancos e prisões, etc., é o suficientemente significativo como para não deixar dúvida em relação as verdadeiras intenções dos revolucionários. A execução do espião da CIA Charles Chandler, um membro do Exército dos EUA que veio da guerra do Vietnã para se infiltrar no movimento estudantil brasileiro, os laçaios dos militares mortos em encontros sangrentos com os guerrilheiros urbanos, todos são testemunhas do fato que estamos em uma guerra revolucionária completa e que a guerra somente pode ser livrada por meios violentos. Esta é a razão pela qual o guerrilheiro urbano utiliza a luta e pela qual continua concentrando

sua atividade no extermínio físico dos agentes da repressão, e a dedicar 24 horas do dia à expropriação dos exploradores da população.

...

*Enquanto tanto, o governo (...) [terá de retirar] suas tropas para poder vigiar os bancos, indústrias, armarias, barracas militares, televisão, escritórios norte-americanas, tanques de armazenamento de gás, refinarias de petróleo, barcos, aviões, portos, aeroportos, **hospitais, centros de saúde, bancos de sangue, lojas, garagens, embaixadas, residências de membros proeminentes do regime, tais como ministros e generais, estações de polícia, e organizações oficiais, etc.***

Esse, senhores, é o “herói”.

Quem merece a homenagem: o herói ou o “herói”? Pode haver alguma dúvida? Existe algum termo de comparação possível entre os dois personagens?

Finalmente, um rápido comentário sobre o ato de colar adesivos com o nome do guerrilheiro assassino sobre o do Marechal Floriano. Isso evidencia a prepotência, o sentimento de estar acima da lei, de ser o autor verdadeiro da lei, mesmo sem nenhum mandato popular legal para tal, o direito que julgam ter de transformar seus desejos em fatos sem nenhuma consideração pelo caminho legal que caracteriza a esquerda raivosa, não obstante os generosos valores que lhes são doados como indenização pelo investimento que fizeram ao optar pela luta armada para derrubar o governo e para impor um regime comunista no país. Se tivessem vencido a luta de guerrilhas, como estaria agora o Brasil? Alguém ganharia indenizações (que já superam 2,6 bilhões de reais) como compensação pela derrota na luta armada?

Felizmente, grupos de cidadãos que não concordam com essa arbitrariedade dos que continuam terroristas, retiraram os adesivos, restituindo a praça a seu herói verdadeiro.